

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros	1\$300
Trimestre ou 13	700
Avulso	60

— ANNO I—25 DE DEZEMBRO DE 1884—N.º 45—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros	7\$000 réis
Semestre ou 26 numeros	4\$000
Trimestre ou 13	2\$000
Avulso	200

SUMARIO

GRAVURAS:—A sahida do castellão; O irmão dispenseiro; Morte do conde de Warwick; Um pescador de Scheveningue
 TEXTO:—As nossas gravuras; Em flagrante delicto; Domingo historico, por A. O.; Uma festa chinesa em Macau, por F. Amaral; Rosicler; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

AS NOSSAS GRAVURAS

A SAIDA DO CASTELLÃO — O quadro é verdadeiramente delicioso, mas, devemos confessar-o, não nos parece rigorosamente conforme com a verdade historica. As figuras são do século xvi, mas a scena é

tralisadora por que tinham passado as sociedades no século xv.

A scena, que esse admiravel quadro do sr. Vinck representa, se existiu no século xvi, era puramente excepcional.

Em todo o caso, pondo-se de parte esse anachro-

mal desabrochada, de formas indecisas, e de olhar vago em que mal se espelham os sonhos da adolescencia; entre elles a governanta com o seu traje modesto de burguezia, atraz o homem d'armas, physionomia de *reître* costumado aos arraiaes e aos cercos. O quadro é admiravelmente executado.



A SAHIDA DO CASTELLÃO

do século xv. No século de Carlos V e de Francisco I já não existiam esses solares de ponte levadiça, nem os homens de armas acompanhavam o fidalgo, tocando trompa, e ordenando aos villãos que se afastassem para que passasse a nobre familia. Tudo isso são resquícios de feudalismo, que desaparecerá já completamente, depois da transformação cen-

nismo, confessemos que a scena é essencialmente bella, e que lhe dão um extraordinario relevo os formosissimos trajos do século xvi. Elle, com o seu negro gibão, a physionomia um tanto rudie, dá o braço á gentil castellã, os filhos vêm atraz, o rapazito com a physionomia curiosa, typo de paggem dos quadros de Leonardo de Vinci, a filha, flôr ainda

O IRMÃO DISPENSEIRO — Se havia gente que soubesse saborear a vida eram seguramente esses bons frades, que a tormenta revolucionaria arrancou da superficie da terra, e que levaram consigo o segredo das fartas comezainas, e das adegas delicadas. Percorram Portugal; em encontrando um sitio ameno ou pittoresco, podem ter a certeza de que ha um

convento nas visinhanças. Enquanto os viscondes de agora que substituíram os barões como os barões substituíram os frades, vão levantar os seus palácios no fundo de alguma rua sombria de uma cidade banal, os frades levantavam sempre os seus conventos ou nas veigas risonhas de Alcobaça, ou nas alpestres paisagens da Arrabida, ou à beira d'aquelle terraço natural, que de Algés a Caxias se pendura sobre o Tejo, como a estrada da Cornija sobre o Mediterraneo. Entrem depois em Alcobaça, ou em Mafra. Que amplas cosinhas! lavadas em Alcobaça por um rio, nem mais, nem menos! Entrem no refeitório em Mafra! que boas e largas mezas! A cella de um frade era um verdadeiro paraíso! Da janella disfructava-se uma paisagem esplendida! proximo da hora do jantar erguia-se da cosinha bem lavada e bem arejada um cheirinho delicioso! Entrava-se no refeitório! O irmão dispenseiro trouxera da adega um bom frasco do melhor vinho das vinhas do convento, blindado de palha por causa dos desastres possíveis! À sobrezeza sempre havia um doce enviado pela collega abbadesa, e ao café um licôr perfumado enviado por um confrade qualquer da *Chartreuse*, um *père Kermann* qualquer! Depois ia-se para o terraço da Boa Viagem, para o Jogo da Bola, em Mafra, para a cerca de Alcobaça, levava-se um livro do oratoriano Manoel Bernardes. À noite... Alto! Conta Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano* que um tal fr. Bartholomeu era homem tão santo que até dormia com o diabo. Um dia foi para a sua cella, e encontrou o diabo na sua cama. Não se incomodou. Disse-lhe apenas: Chega-te para lá, Satanaz. O diabo chegou-se para lá, fr. Bartholomeu deitou-se e risonhou tranquillamente.

Eis a santa vida dos conventos, vida de que Franz Meerts nos apresenta no seu excellente quadro uma scena deliciosa. O irmão dispenseiro está cuidando conscienciosamente da sobrezeza dos seus confrades. O vinho, que transfere da pipa para o frasco empalhado, é com toda a certeza um divino licôr, digno de acompanhar a marmellada de Odivellas, ou os pasteis de Santa Clara.

MORTE DO CONDE DE WARWICK — O nome de Ricardo Warwick, appellidado «o conde que fazia reis» occupa um lugar importante na historia d'essa celebre guerra civil chamada «Guerra das duas rosas.»

Sabem todos que se designa assim a lucta sangui-nolenta, que se travou na Inglaterra, no seculo XV, entre as casas de York e de Lancaster, que disputaram o throno entre si por mais de oitenta annos: ora uma das casas tinha nas suas armas uma rosa vermelha, e a outra uma rosa branca. Ricardo II de York, successor de Eduardo III, fôra privado do throno e da vida por Henrique IV de Lancaster, irmão da nossa rainha D. Philippa, mas, como Henrique VI excitára descontentamento por ter casado com uma princeza franceza, a casa de York reivindicou, de espada em punho, os seus direitos á corôa, e Eduardo IV subiu ao throno, graças ao auxilio de Ricardo Warwick (1461). Mas Eduardo IV não tardou a mostrar o mais deploravel caracter, e, todo entregue aos seus prazeres, abandonou aos seus cortejos os cuidados da realza. Enquanto enviava Warwick á corte de Luiz XI, para pedir a mão de uma cunhada do rei da França, casava com uma viuva chamada Isabel Gray, o que acabou de lhe alienar o homem a quem devia a corôa.

O que fez Warwick? Tirou da Torre de Londres Henrique VI que elle mesmo prendêra, e collocou-o de novo no throno. Eduardo IV, porém, auxiliado por seu cunhado Carlos, o Temerario, reuniu um exercito, e marchou sobre Londres.

Warwick foi ao seu encontro, e em 1471 travou-se uma grande batalha em Barnet, batalha em que, depois de grandes e valorosos esforços, Warwick, que combatia a pé, caiu atravessado por mil golpes.

O papel representado por Warwick fez d'elle um personagem legendario, que muitas vezes deu assumpto á arte e á litteratura; o quadro da sua morte, pintado a um tempo com simplicidade e grandeza por Houston, alcançou grande exito em Inglaterra. Podem apreciar-o os nossos leitores pela gravura que hoje lhes apresentamos.

UM JOVEN PESCADOR DE SCHEVENINGUE — A aldeia da Scheveningue, d'onde é natural esse desempennado rapazote que a nossa gravura representa, é uma aldeia hollandeza situada a uma *leguinha* da Haya, como se diria no Minho, e ligado com essa cidade por uma bellissima estrada orlada de arvoredo. É ao mesmo tempo um pequeno porto de pescadores, e uma estação de banhos que está chamando muitos estrangeiros.

Abrija-a do lado do mar uma linha de dunas; a praia é lindissima e apresenta um espectáculo muito animado á hora em que partem ou chegam os barcos de pesca. É tambem um bonito passeio para os habitantes da corte de Hollanda, que vão até lá, ou a pé, ou de carruagem, tomar o seu banho, o seu almoço e o seu jantar, e que voltam depois para sua casa.

O fato das mulheres dos pescadores é de grande originalidade, o dos homens é tambem característico. Esse podem avaliar-o os leitores pela nossa gravura, que é copia de um quadro do sr. Bruce de Anvers, quadro que dizem ser de uma grande verdade.

FLAGRANTE DELICTO

Um quarto de um bairro afastado e solitario. Nada, absolutamente, do que constitue o conchego. A mobilia — um grande leito, que data da epoca da entrada dos cossacos em Paris, coberto com uma colcha branca de barras vermelhas.

Branca!... um modo de dizer... um tapetesito da largura da palma da mão, esconde apenas um canto das taboas desunidas, que assoalham a casa.

Uma cadeira coxa, uma poltrona desconjunctada, cujo veludo é mais calvo de que o proprio Siraudin, um espelho rachado ao meio, completam a mobilia d'esse *buen-retiro* que a senhoria, que tem bom faro, não aluga por menos de cento e cincoenta francos por mez ao seu *loirito*.

É assim que ella designa o sugeito, que um dia, enleado e tímido, veio perguntar se não havia um quarto para alugar a sua prima, que vivia nos arredores de Paris, e que precisava de ter um poiso na cidade, quando quizesse vir passar á capital um pedaço de tarde.

A senhoria (que tem bom faro) logo percebeu que eram dois pombinhos, que se amavam ternamente e que arrulhavam fóra do codigo.

E d'ahi resultaram exigencias pecuniarias, a que se accedeu immediatamente, dando-se ainda o primo por muito feliz em conquistar a peso d'ouro o quarto acima descripto.

O importante era escapar a todas e quaesquer pesquias, e o melhor meio era procurar um asylo mysterioso n'esse arrabalde excentrico.

Quem poderia adivinhar que a formosa madame de B... aventurava por semelhantes paragens a sua perfeita elegancia?

Rançou uma chave na fechadura enferrujada.

Entra um sugeito.

É elle, o loirito.

Desembarça-se do chapéu e deita uma vista de olhos pela janella para se certificar de que não foi seguido.

Depois procede aos preparativos da entrevista, enquanto espera o idolo.

— Não tarda por ahí... Bonito! lá me esqueceu trazer o pó de arroz... ella que tanto me recommendará!... Felizmente ainda aqui ha... Querida Luciana! como eu a amo! E a agua de Lubin, onde estará mettida?... Esta bruxa da senhoria, a pretexto de arranjar, esconde tudo... Levaria o frasco?... Ah! não! cá está elle!... Oh Luciana!... Quando me lembro que ha já tres mezes que aquella estrella se dignou contemplar-me, a mim, pobre verme enamorado!... O marido é que me atrapalha. Sempre tem um olhar aquelle demonio!... Tomei as minhas precauções... De vez em quando alimento com um luiz de ouro a discrição da cerbera que vela ás portas d'este paraizo... Sinto passos!... Ha-de ser ella!... E' ella... ah!

— Luciana!

— Meu Alberto!

— Como estás cansado!

— Sim, tinha medo de te fazer esperar.

— Prohibo-te que para a outra vez te fatigues, entendes?

— Meu Alberto!

— Minha Luciana!

— E, depois quando me apeei do trem á esquina da travessa, pareceu-me...

— O quê?

— Nada... Pareceu-me ver um homem a espreitar-me, e, quando percebi que me seguia, desatei a correr...

— E então?

— Era absurdo, o homem sumiu-se.

— Ah!

— Mas em que estamos nós a fallar, meu Alberto?

Fallemos no nosso amor...

— Então amas-me de veras?

— Se te amo!

— Anjo! daria por ti a minha vida!

— E eu a minha por ti!

— Oh! falla! ainda! ainda!

— Meu Alberto!

— Luciana!

— Eu...

— Tu...

— Alberto!

— Heim?

— Sinto passos na escada.

— E' o inquilino cá de cima que se recolhe para casa.

— Não... passos numerosos.

— Que nos importa?

— Se por acaso?...

— O quê?

— Estou-me a lembrar do homem que me pareceu que me espreitava... Meu marido esta manhã pareceu-me preocupado. Quando eu saí, disse-me: Muitos recados a tua mãe n'um tom exquisto.

— Ah! disse-te!...

— Alberto, batem á porta!...

Uma voz (fôra)—Abra em nome da lei.

Duas vozes (dentro)—Céus!
—Alberto!... que se ha-de fazer?
—Eu sei lá!...
—Onde está o pó de arroz?...
—Não sei, nem me importa! Lembrares-te agora do pó de arroz!...

—Tens medo?
—Eu!
—Quem deita a perder uma mulher encontra um meio de a salvar, ainda que seja á custa da propria vida.

—Quem deita a perder!... A sua imprudencia foi que a perdeu, e a mim tambem que é o peor.
—Arguições! E' elle que...
—Logo que vio que seu marido estava preocupado...

—Cale-se! Olhe! chega a causar-me horror!
A voz (fóra)—Abra, em nome da lei!
—E fica ahí de boca aberta?
—Pois que quer que eu faça?
—Ainda m'o pergunta! Está ali uma janella, e pergunta-me o que ha-de fazer!

—A senhora quer-me obrigar a saltar de um quarto andar para o meio da rua!

—Evada-se! fuja para os telhados!... encontre um meio qualquer de não estar presente para attestar a deshonra de uma desgraçada mulher que...

—Julga que a minha situação é mais risonha do que a sua? O ministro demitte-me com toda a certeza...

—Ah! este homem é um miseravel! Falar-me no seu emprego quando... Como é que eu pude desvairar-me a ponto de amar semelhante?...
—E eu como foi que pude deixar-me arrastar pelas provocações de uma garrida estouvada?

—Agora insulta-me!...
A voz... Pela terceira vez, em nome da lei.
—Insulto-a!... As verdades é que offendem.

—Senhor!
—Ainda vem a bom tempo esses seus ares de dignidade! Ah! sempre é necessario que eu seja muito tolo para cair n'esta arriosa. O que por ahí falta por essa Paris são mulheres.

—E' demais.
A porta arrombada estoura e abre-se. O commissario de policia e o marido entram exactamente no momento em que Luciana atira ao seu Alberto uma formidavel bofetada. Quadro!

PIERRE VÉRON.

O DOMINGO HISTÓRICO

25 de dezembro de 1823—Garrett, passando no estrangeiro o primeiro Natal, escreve a sua celebre poesia o «Natal em Londres»

N'um dos ultimos numeros d'este jornal dissemos que aproveitariamos varios factos da vida de Garrett para preencher esta secção e já hoje cumprimos a promessa. Foi a 25 de dezembro de 1823 que, estando o poeta exilado em Inglaterra, escreveu no seu *Diario* as linhas que abaixo se leem, transcriptas das *Memorias biographicas* ultimamente publicadas pelo sr. Gomes d'Amorim; foi tambem n'esse dia que o poeta compoz o *Natal em Londres* que faz parte da sua *Lyrical*.

«Com que tristeza passou para mim este dia! Em Portugal e especialmente na minha provincia é o dia de Natal um dia de festa domestica, de alegria e de satisfação no interior das familias. —Eu, sem casa nem familia, passo pela primeira vez em minha vida o dia de Natal entre estranhos. Meus irmãos, uma

pae e sobre todos a minha querida mãe, se me não tem tirado dos olhos. Ao jantar mais que nunca me apertou a saudade. — Lembraram-me os felizes tempos da minha infancia. Tempos de innocencia e de ventura... oh! porque não voltaes?

O Natal é mui insipidamente festejado na Inglaterra. Na igreja mesmo, verdade é que geralmente todos commungam n'este dia; mas não o guardam como o domingo. Todas as curiosidades da festa consistem em tremendos bois, enormes carneiros, tão gordos e carnudos, que é impossivel haver no mundo igual monstruosidade. Estão as lojas onde se vende carne cheias d'estes espectaculos da riqueza e industria publica, e toda a gente vae ver a *exhibition*.

Em Londres e outras partes dão premios de avultado preço aos pastores e ganadeiros que melhores rezes apresentam no *Christmas*. Tudo quanto é util acha protectores e promotores: feliz gente, abençoado paiz!

*
* *

O NATAL EM LONDRES

Anathema sit.

Conc. Trid.

Que Natal este! Sempre sois herejes
Meus amigos inglezes!
Bem haja o santo padre, e a sua bulla.
De fulminante anathema
Que excommungou estes ilheus descidos!
Oh! nunca a mão lhe doa.
—Ver na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem trajada capa,
E o alvo tezo lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas festas ao vivo desejo
Do tafulo devoto
Que imbuçado acudiu no seu capote
Á pactuada igreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas
E de teus doces santos
Tão folgados e alegres! Como vinha
Nos frios de dezembro
De regalados fartes coroados
Aquecer corpo e alma
Co'o vinho quente, co'os mexidos-ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que santa gente)
Sempre casmurros, sempre enregelados
Bebendo no seu *ale*,
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beef cru* e insipido!
Pois os *Christmas-pyes*, gabado esmero.
De sarmatas manjares!...
Olhem estas pequenas... são bonitas;
Mas que importa que o sejam,
Se das Graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa nem alegre jogo
De divertidas prendas
Arranjar sabem e passar o tempo
Em honesto folguedo!
Jogar um *whist* morno e taciturno
Sentar-se em mona roda
Junto ao fogão, fazer um detestavel

Chá preto e fedorento
Sem ar, sem graça... Oh madre natureza,
Quanto mal empregaste
A formosura, o mimo, as lindas cores
Que a taes estatuas deste!

A. O.

UMA FESTA CHINEZA EM MACAU

De 25 d'agosto a 8 de setembro esteve Macau em festa no seu bairro china. No basar cobriram-se de toldos as ruas, como é do costume nos officios chinas e nas festividades ordinarias, comprehendendo-se porém d'esta vez uma area maior de superficie coberta.

As ruas de Macau, de noite são illuminadas por occasião de festas d'uma fôrma perfeitamente original; enorme abundancia de luzes em lustres e figuras moveiças em volta d'estes, recamadas de lan-tejoulas, dão ás ruas, onde se rolam enormes ondas de povo, o tom phantastico d'um conto oriental. Nas lojas dispõem-se vasos de flores e arbustos, e ainda abortos de arvores dos mais pittorescos aspectos; nos sitios mais largos levantam-se enormes barracas d'auto, onde resonam as bategas, d'uma fôrma infernal, secundadas por sons de instrumentos afinados em tom agudo da maxima impertinencia, e sobreshahndo os falsetes das prima-donas.

A variedade de côres das cabaiaes, o mexer dos leques, os penteados das loquis e as figuras melancholicas dos locanes de mistura com o tom aborrecido da policia europeia distribuida em patrulhas, os gritos dos coolis e dos vendedores ambulantes, um ruido composto dos mais extravagantes sons e das mais extraordinarias figuras, desde o magro fumador d'opio macilento e pallido, até ás massas obesas de alguns mandarins, tudo nos aturde ao passar por uma rua de festa, e vendo serpentear os caracteres chinezes das cabaiaes dos bombeiros das casas de chá, e experimentando as lufadas nauseabundas de ar quente e irritante, que saem dos colaos e das casas do phantane.

As ruas illuminadas são indescriveis; constituem uma mistura de miseria e de ostentação que não devera parecer impossivel como podem reunir-se no mesmo relancear d'olhos, illuminadas as diversas scenas, como estão, pela mais brutal das illuminações, tanto em numero de luzes, como em côres variegadas e claras, que constituem a massa dos ornatos das paredes e tectoprovisorio, onde milhares de pequenos espelhos e douraduras repetem as imagens de fôrma a conhecerem-se os mais insignificantes pormenores do vac-vem enorme de povo, que crusa em diversas direcções o local da festa.

D'esta vez só a rua do jogo tinha 303 lustres, ou o que quer dizer, 2 lustres por cinco metros de extensão, aproximadamente.

A barraca d'auto principal prolongava-se desde o pagode de Matapao, pelo aterro novo, até ao mar.

Em todo o aterro havia a trabalhar durante o tempo da festa e d'uma fôrma permanente, quatro barracas d'auto, podendo calcular-se que não estavam em Macau menos de cincoenta mil chinas a mais que a população normal.

Apesar de tão extraordinaria concorrência de povo, manteve-se a policia sem occorência notavel e se em Macau houvesse *reporters* do *Diario de Noticias* diriam que era geral a satisfação, isto tanto quanto se pôde deprehender dos rostos pouco expansivos dos filhos do celeste imperio.

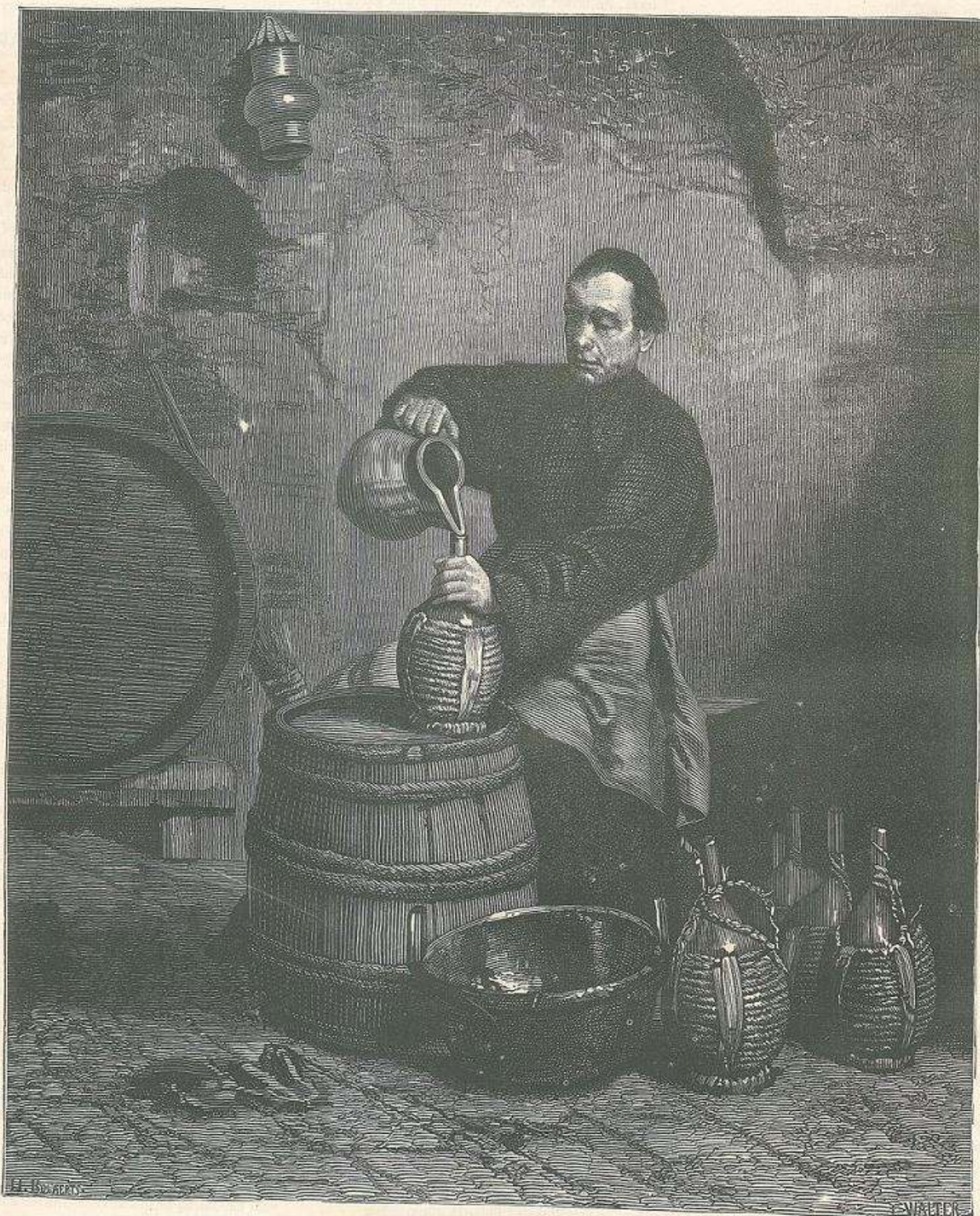
Dizer qual o motivo da festa era-me tão difficil, como naturalmente o seria á grande maioria dos que

a ella concorreram, por mais chinas que sejam as suas individualidades, e por maiores que sejam os respectivos rabichos.

Uns diziam ser a repetição da grande festa do dragão em 1868, que consideravelmente excedeu;

largura da estrada permittia á bicha um desenvolvimento mais rapido, a procissão levou a passar desde o meio dia e tres quartos ás 2 horas e 33 minutos da tarde, o que quer dizer duas horas menos dez minutos, em que desfilaram diante de milhares de

sas riquissimas; sessenta andores com creanças caracterizadas e vestidas com fatos de theatro, representando scenas de auto; sessenta creanças a cavallo; cinquenta pendões triangulares grandes; e sessenta enormes umbrellas de pannos vistosos e de valor.



O IRMÃO DISPENSEIRO

alguns affirmavam ser outra a invocação, e que era esta a verdadeira cerimonia em obsequio da grande bicha do celebre dragão, cujo passeio em procissão é parte obrigada das solemnidades chinezas.

D'esta vez, porém, a procissão excedeu o que possa imaginar-se de mais grandioso, sendo mesmo a parte mais saliente da festa. Na praia grande, onde a

espectadores attonitos as cousas mais asombrosas que uma imaginação altamente phantastica possa produzir. Compunha-se a procissão de setenta e duas musicas chinas, sessenta e quatro andores de pennas, guarnecidos com os competentes pratinhos com comidas de toda a especie e feito, bollos e doces de toda a qualidade; doze andores com pedras precio-

Mais de mil bandeirallas se entermeavam no prestito contendo maximas moraes e diversos disticos; outros tantos emblemas se lhes seguiam, e 3 cavallos riquissimamente ajaezados e preparados de forma a envergonharem os nossos chamados cavallos de estado. Vinham depois quatro lindissimos pagodos, e dois enormes leões; tudo acompanhado de 120 figu-

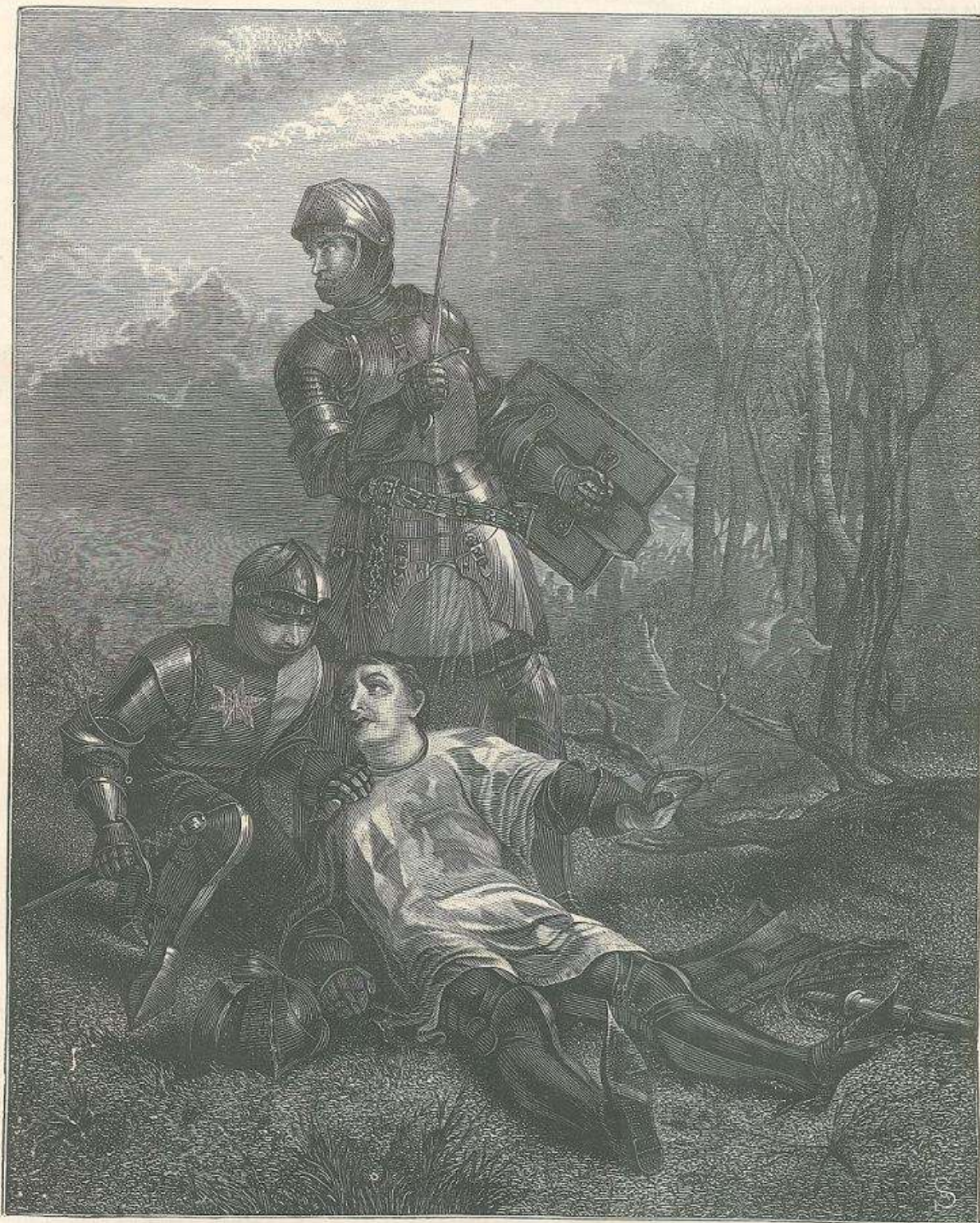
ras emblemáticas, representando a justiça chinesa nos processos tradicionaes de julgar nas diversas provincias do imperio.

Rematava pelo dragão, enorme bicharôco de cinquenta metros de comprimento, e que era conduzi-

Calculou-se que o prestito era formado de sete mil e quinhentas pessoas! A mistura exotica de grandes valores e ricas ornamentações com cousas de apparencia pobre e triste, mas que pareciam ter para os chinas um grande aprego estimativo, davam ao corte-

ruho e gritos do rapazio que completava a ingresia de que foram victimas os habitantes de Macau, durante os dias a que esta noticia se refere.

Era a Macau n'esta occasião que os authores de magicas deveriam ir buscar inspiração para uma obra,



MORTE DO CONDE DE WARWICK

do por 25 homens vestidos de cabaia de damasco.

Fechava o cortejo uma guarda de honra de duzentos homens chinezes, tendo na frente um pendão muito velho e um sujeito de modos graves e solemnes, tocando n'uma caixa forte uma marcha muito falta de cadencia, propria para marchar, mas muito abundante em rufos seguidos.

jo, em que aliás predominavam as decorações faustosas e ricas, um aspecto extraordinario de difficil, senão impossivel descripção.

No rio, as lorchas embandeiradas produziam um tom alegre no ancoradouro, desde o caes da estação até á ilha Verde, repetindo-se as salvas de panchões a toda a hora, e por toda a parte, para aggravar o ba-

que excederia tudo até hoje visto, mas que, mal recebida pelo publico, arruinaria, pelo *mise-en-scene* qualquer empresario pouco feliz que tentasse fazel-a representar.

Como são pallidas as nossas procissões, ainda mesmo as *civicas*, á vista de tanto esplendor, mas tambem como é desagradavel ver passar diante de nós uma

feita, cujo alcance se não comprehende e cuja intenção se não conhece!...

O far castern Monaco, como os inglezes chamam a Macau, anima-se extraordinariamente com estes divertimentos, e não é simplesmente a animação material o que mais se deve notar n'elles; é muito particularmente o maior prazer que o nosso dominio, brando e suave, dá a todas as familias chinas ali estabelecidas, o que as induz a escolherem aquella boa terra para as suas folganças e festividades mais ruidosas, e mais interessantes e solemnes.

Sir Pope Hennessy, apesar dos seus affectados sentimentos chinophilos, não consegue o mesmo em Hong-Kong! Ha ali muito dinheiro, mas pouca alegria; tenha paciencia que a compensação não é das piores...

Fica cumprida a minha promessa de dar o meu contingente para o seu jornal: se não servir rasgue os linguados, mas em todo o caso dê-me baixa na divida.

F. AMARAL.

HORAS DE OCIO

Charada

(Ao sr. Coelho Zilhão)

A minha prima é primeira
E quarta sim, que tem isto? — 1
Minha segunda é segunda
E primeira, tem-se visto — 1

Quer conceito? Pouca coisa...
O amigo é perspicaz.
Quatro letras... Terra boa.
Morreu já? Descança em paz.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4

Palavras quadradas

A esta mulher tão bella
Meu affecto consagrei
E, p'ra colher esta flor
Mui bom cultivo lhe dei.

JOAQUIM RICARDO DOS REIS PEREIRA.

Quadro magico

25			
	32		
		36	
			37

Collocar um numero em cada uma das divisões desde 25 até 40, de fórma que, somnados horizontal, vertical ou diagonalmente, seja a somma sempre 130.

MANOEL DE JESUS MORON.

Embrulhada anagrammatica

Formar um proverbio com esta phrase «Chama falsa a seda.»

J. FERNANDES DE FREITAS.

Soluções dos problemas do n.º 43

Charadas novissimas — 1.ª Cama, 2.ª Naufraga, 3.ª Aipo.

Pergunta indiscreta — Rio-Sens.

Anagramma — Borba, Barbo.

Soluções certas

Charadas novissimas — Gallo-Mochilla (Chaves), Suidulphus (Chaves), Carmo e Souza, Monge de Osseira (Pitões de Junias), Hamlet (Merecana), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Figueiredo (Coimbra), Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval) Ociosos de caçadores 4.

Anagramma — Hamlet (Merecana), Vasco (Coimbra), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Nadège (Coimbra), Carmelita, Dois Estouvados, Ociosos de caçadores 4.

Pergunta indiscreta — Hamlet (Merecana), B. M. (Vianna do Castello), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Téniers (Santarem), Edipo, Carmelita.

ROSICLER

O ULTIMO ESTEIO¹

O quadro, que vou dar-vos, é singelo,
é pobre na invenção, rude, e sem arte;
não brilha n'elle um raio d'esse bello,
que a mão de Deus diffunde em toda a parte.

Este defeito é do pincel, das côres,
é da incerteza no vigor do traço;
que em si o quadro tinha seus primores,
que mal descrevo, quando mais não faço.

A natureza é perenne
de ramas e verduras:
o seu ethereo espirito,
em cantico solemne,
eleva-se ás alturas.

As aves em gorgeios,
as folhas em gemidos,
as aguas em murmurios
os ares trazem cheios
de enlevos dos sentidos.

A languida bafagem
das opulentas flores,
a sacudir fragancias,
derrama na paisagem
uns mysicos amores.

O sol quebrando os raios,
em tons de luz mimosa,
infiltra pelo vacuo
os timidos ensaios
de um fundo côr de rosa.

No plano extremo fulge a luz de um dia
formosa como os risos da alegria,
que a seiva, a flor e o fructo reproduz.
Aquem a terra a desdobrar-se em galas,
em pompas, em folhagens, n'essas fallas
que entôa a cotovia ao ver a luz.

D'isto ao meio um triste grupo
andrajoso, roto e pobre,
como de quem não tem nada
mais que o ceu, que a todos cobre.

São dois extremos da vida
um desalento, uma esp'rança.

No centro da minha tela
eis um velho e uma criança.

Rareia áquelle na fronte
magro cabelo grisalho,
e no robusto das formas
revela o herôe do trabalho.

Na face tismada e secca
pelo sol de dia a dia
não se illumina o assomo
de uma aurora de alegria.

É cego! Ha talvez um peito,
que ao vel-o não se comprime!
Eis o rohle da montanha
amparado por um vime.

Hontem vigor e já hoje
á mercê de uma creança.
Os dois extremos da vida,
um desalento, uma esp'rança.

Apoia o cego a mão rude
no debil hombro do filho,
este, a passo cuidadoso,
vae dos dois guiando o trilho.

O braço, ainda hontem affeito
do trabalho ás santas lidas,
é qual pontão, que ora liga
em uma só duas vidas.

E quem é que, ao ver o moço,
ha'hi que não se entristeça?...
Da lenha ao pesado feixe
vergando, triste, a cabeça!...

Eis o filho do trabalho!
aprendendo os rudimentos
d'essa sciencia prodigio,
da sciencia dos portentos.

Vai, debil par, triste escarneo
da ridente natureza;
não és a unica mancha,
que ao sol deslustra a pureza.

Tu criança, amanhã homem
prosegue a nobre missão,
da humanidade que soffre
historia, typo e lição.

O velho, a imagem triste do passado;
seu guia, a creancinha, é o futuro:
áquelle, cego, triste, quebrantado,
o filho presta o apoio mais seguro.

Aquelle, do trabalho o chrisma santo
imprime ao tenro filho n'este exilio,
e o pobre, ao grande influxo d'esse encanto
aprende as santas leis do mutuo auxilio.

Os pobres lá passaram seu caminho;
do que eu então senti eis a expressão.
Se aos olhos da arte o quadro sae mesquinho,
que tenha seu valor como lição.

SILVA MATTOS.

¹ Esta poesia, inspirada pela gravura, que appareceu com este titulo ha mezes, no *Jornal do Domingo*, foi-nos offerecida pelo seu autor.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 352)

XXIX

Saltaram para dentro deixando os cães no gelo; e um terrível espectáculo se desenrolou a seus olhos. Cinco homens, — cinco esqueletos vestidos de marinheiros — jaziam estirados no meio de objectos e fragmentos de toda a especie.

— Desgraçados! exclamou Yegor.

Estavam estupefactos, esqueciam-se do urso. Comtudo ouvia-se em baixo um ruído.

— Attenção! disse o senhor Lafleur, ha de ser o urso!

Os cães continuavam a ladrar.

N'esse momento a cabeça branca do urso appareceu n'uma das escotilhas, — com o seu focinho pontagudo, a garganta aberta e ameaçadora, os olhos encarnados, de uma expressão feroz.

Yegor, sem perda de tempo, metteu-lhe uma bala no pescoço. Ferido mortalmente, arremessou-se cheio de raiva sobre o agressor. O sr. Lafleur fez fogo; mas acertou-lhe na orelha, e o urso não se voltou por tão pouco.

Yegor vendo-o avançar, teve a ideia de deitar a mão a um machado, que estava proximo; mas o machado estava como que soldado ao navio pela neve, e resistia aos esforços empregados para o levantar. Yegor teria morrido com certeza, se o parisiense com a coronha da espingarda não tivesse descarregado sobre a cabeça do plantigrado tamanho golpe, que a arma partiu-se. O animal, um pouco atordoado, hesitava entre o sr. Lafleur e Yegor, quando este, que conseguira levantar o machado, rachou com este o cráneo da fera. Vendo-a por terra, acabou de matá-la com mais dois ou tres golpes, vibrados com toda a força. Pouco lhe importava estragar-lhe a pelle!

— Bravo! bravo! exclamou o sr. Lafleur. Já temos o assado.

— Oh! Para a nossa meza, nunca! disse Yegor fazendo um gesto de repulção. E notou ao companheiro que os ossos dos cadáveres, — os cráneos sobretudo — tinham sido roídos por dentes de carnívoros.

— Mas o urso, que matámos, ponderou o sr. Lafleur, será o mesmo que vimos? Desconfiamos do caso, porque os cães continuam a ladrar.

O parisiense tinha razão; porque, apenas acabara de fallar, outro urso, esse então enorme — era a fema — surgiu ameaçadora por detraz de uma pilha de caixas, com que a neve construira um talude.

Attenção! gritou Yegor.

Levantou o machado, e o sr. Lafleur, recuando alguns passos, desembainhou a sua grande faca de matto. Mas a urso espantada com esta recepção, fez meia volta e retirou-se grunhindo, voltando-se prudentemente de vez em quando, para certificar-se de que não era perseguida. Os caçadores deixaram-n'a sem opposição saltar para fóra do navio, acoçada pelo ladrar dos cães, que a muito custo se conservaram quietos; e quando a viram correr por cima dos hummocks para as collinas de gelo, sentiram-se realmente consolados.

— Decididamente observou o sr. Lafleur, são caçadas muito commoventes de mais para o meu temperamento. Se achássemos aqui, só algumas caixi-

nhas de biscoitos e bolachas, estávamos já bem providos para o inverno.

— Mas, se os ursos devoraram tudo? disse Yegor.

— Vamos ver isso bem, replicou o parisiense.

— Desceram á camara, esperava-se ahi um espectáculo ainda mais horrível do que o do tombadilho: os ossos, os cráneos de uma duzia de cadáveres transformavam aquelle recinto n'um verdadeiro tumulto ou carneiro...

— Porque não seriam enterrados os primeiros, que morreram, pelos outros? perguntou Yegor ao sr. Lafleur.

— Bem vê o meu amigo, respondeu este, que toda a tripulação devia achar-se atacada d'aquelle terrível mal, a que se dá o nome de escorbuto. Os pacientes são accommettidos de uma rigidez insupportável nas pernas; coxeam; não podem dormir nem socegar; perdem todo o appetite; sentem dores horripaveis nas gengivas inflamadas; depois sobreveem uma fraqueza geral do corpo, que é indicio de um fim proximo. A morte d'estes bravos marinheiros devia ter tido logar o inverno passado. Mas n'esta camara, cuidadosamente calafetada, onde não houve renovação do ar... se nós apanhássemos o escorbuto?

— Apanha-se com facilidade?

— De certo; é verdade, que em condições identicas...

— Felizmente o nosso caso é outro. Arejemos isto, e vamos direitos ás provisões.

Abriu com o machado largas fendas no costado do navio, e o ar e a luz penetraram no interior d'elle.

— Seremos herdeiros universaes, disse o sr. Lafleur.

— Com uma condição.

— Qual?

— Dar sepultura aos restos d'estes infelizes.

— E' possível. Mas, olhe; tinham um órgão.

— Provavelmente para abreviar as longas horas de inverno.

Effectivamente lá estava um órgão. O sr. Lafleur pôz a manivella em movimento, e por uma pungente ironia, o instrumento fez ouvir alguns compassos de uma polka, muito alegre, cheia de vida, optima para dançar. Então Yegor e o sr. Lafleur, profundamente commovidos pelo contraste d'aquelle musica jovial com o quadro medonho, que se lhes apresentava, sentiram arrazarem-se-lhes de lagrimas os olhos.

Sobre o órgão havia um grosso volume, para que Yegor derigiu a vista: era uma Biblia em hollandez. Nas margens do livro podiam ler-se, escriptos pela mão tremula e desfallecida do capitão, os nomes dos primeiros marinheiros, que morreram, seguidos de algumas tristes reflexões. Yegor, que sabia inglez e allemão, comprehendia bastante de hollandez para a explicação d'aquelle drama dos mares polares. O baleeiro tinha sido surpreendido pelo gelo na ilha Barentz, pertencente ao grupo de Spitzberg. O sr. Lafleur não se enganara attribuindo ao escorbuto a causa da morte de toda a tripulação.

O nome do capitão figurava, um pouco mais longe, n'aquellas paginas lugubres. O immediato pegou na penna, e por sua vez passou-a a outro, que lhe sobreviveu. A ultima nota marginal, era concebida n'estes termos:

«Somos apenas quatro: Molis Stoke, de Haarlem, marinheiro; Dijk Hooft, por alcunha o Specker, de Medenblik, marinheiro; Haymann Yaarsveldt, de Elburgo, nosso grumete, e eu, Alberdingk Huijdecaper, de Rotterdam, cozinheiro. Já não temos força para tratarmos uns dos outros. Pode bem ser que

que aconteça uma cousa horrível: sermos devorados vivos pelos ursos brancos, que andam á roda do baleeiro...»

— Pobre gente! pensou Yegor fechando a Biblia. Foi talvez o que succedeu.

O sr. Lafleur já furava por toda a parte. De espaço, a espaço em quanto Yegor folheava a Biblia, gritava elle:

— Toucinho!... bolacha!... rhum!... leite condensado... cinquenta caixas talvez! As conservas de carne foram comidas pelos ursos... Assucar!... Oh! farinha!... garrafas de vinho tinto!... uma caixa de velas... intacta! Mais bolachas! Um grande pacote de aletria! Chocolate!... dez kilos pelo menos. Mas que devastação! as raposas ajudaram os ursos. Feijões verdes em latas. Sardinhas de Nantes!...

— Bem, meu amigo, disse Yegor, façamos um fardo de algumas d'essas cousas, e levemo-l-o. Depois irá o resto...

— Se não tornarmos a encontrar o baleeiro!

— Ora, o mar está bem gelado. Mas carreguemos tanto, quanto podemos.

— Aqui estão phosphoros.

— Ainda bem. Vão substituir os que nos roubaram os tchuktchas.

— Também ha carvão!

— D'esse podemos nós prescindir. Escolhamos de preferencia as cousas, que reanimem as forças de Nadege e do irmão.

Duas horas depois, Yegor e o sr. Lafleur, vergando com a carga, traziam para a cabana a primeira remessa do que tinham encontrado; o sr. Lafleur quiz trazer o órgão, porque, dizia elle, um bocadinho de musica levanta o espirito da sociedade; Ladislau daria a manivella, e elle acompanharia com a rebecca. Yegor teve dificuldade em tirar-lhe semelhante cousa da cabeça, e, por sua determinação, levou a Biblia.

Caminharam para a cabana, antegosando a alegria, que levavam consigo.

— Havemos de ver, observou o sr. Lafleur se Yermac fica amuado deante do leite e do assucar, deante das sardinhas de Nantes e do toucinho salgado!

Os dois cães siberianos iam na frente.

Yegor ficou admirado de que Wab lhes não sahisse ao encontro. Teve um presentimento desagradavel, poz em cima do gelo tudo quanto levava, e deitou a correr para a cabana gritando por Nadege e Ladislau.

Entrou finalmente em casa; estava deserta; nem Nadege, nem Ladislau, nem Yermac, nem o cão... o fogo estava apagado havia muito... Por toda a parte se encontravam vestigios de uma luta.

Chegou o sr. Lafleur, que o encontrou atterrado.

— Que foi? disse elle.

— Não sei... não comprehendo... a minha razão desvaira... a vida abandona-me...

— Para onde iriam elles?

— Não sei; mas presinto uma terrível desgraça! Veja, sr. Lafleur; a meza de pernas para o ar... as pelles espalhadas e sujas... ha cinza até á porta... levaram uma espingarda...

— E o meu chapéu, disse o parisiense. Seria uma partida feita por Yermac?

— Que partida poderia elle fazer? perguntou-lhe Yegor, que já previa a resposta do parisiense.

— Roubar Nadege e o pequeno, respondeu elle, para nos obrigar a retroceder... entregar-nos a elle quando tivésse apoio de uma força qualquer...

(Continua)

CORRESPONDENCIA

A. A. de Mello—Agradecemos muito e muito o seu problema de xadrez, e publicamos-o-hemos, logo que nos fizer a honra de nos enviar a solução. É regra invariável adoptada pelo *Jornal do Domingo* não publicar problema algum sem ter a solução de reserva.

J. P. S.—Confessamos que não somos capazes de interpretar a sua charada:

Quasi sempre corro rapido,
Mais que os peixes no mar

em contrario, a não ser que, se fossemos allumiados de noite por estrellas cadentes, estavamos servidos.

Ling-Look—A sua parodia *Threnos pandigos* não é extremamente alegre. Se nos não enganamos, quiz parodiar a *Voz do Propheta*, de Herculano, mas a parodia ficou perfeitamente inintelligivel e sobretudo sombatica a valer. Mudou o nome de Lisboa no nome de Amalia, mas depois a mulher e a cidade confundem-se de forma tal que os taes *threnos* ficam sendo deveras *pandigos*.

Começa a parodia:

«Amelia, mulher de jaspe e de granito, rainha das

O. R.—A musica é lindissima, a letra um pouco-chinho banal. Ha de ter de certo coisa melhor na sua carteira. Esperaremos.

J. S.—São bons os seus versos, classicos na forma, até ás vezes com um pouco de exaggero, mas em todo o caso a estrophe sac bem fundida, e revela o merecimento do obreiro. A poesia pôde considerar-se pôrém uma poesia de combate, e o *Jornal do Domingo* é tão pacifico!...

Mascara Negra—Desculpe. Encontrámos agora as suas soluções do n.º 41 e do n.º 42, e parece-nos que o seu nome não saiu na secção das *Soluções certas*.



UM JOVEN PESCADOR DE SCHEVENINGUE.

Ora subo, ora desço
E sempre como no ar.

Isto quer dizer *Ando*? Nem o diabo seria capaz de o adivinhar. Depois o conceito:

Sou qual estrella cadente
Que de noite nos allumia
Poucas vezes estou quieta,
E só sou vista de dia.

Isto quer dizer *Andorinha*? e nada temos que dizer

bellas, tu és a mais formosa entre as deidades do mundo.

«Os teus encantos encheriam as campinas do Oceano que gemeria sob elles, como outr'ora gemeu debaixo das naus do Tejo.»

Safa! que Amelia! Quantas toneladas pesam os taes encantos?

«E tu, continúa Ling-Look, a perola da irmã da nova Tyro, semelhas a gazella dos bosques da Europa e da Africa e do Oriente e do Novo Mundo.»

A gazella! a elephanta, se nos faz favor.

Que idéa faz Ling-Look do que seja uma parodia?

Pois acertára em todas, menos na phantasia arithmetica, e ainda assim tinha direito a figurar como os outros que tiveram um *accessit*. Algum dos seus problemas apparecerá brevemente.

EXPEDIENTE

Não podêmos publicar o artigo *ACTUALIDADES* em consequencia do original nos ter sido enviado muito tarde.

Rp. e l'p. Portuguez— Calçada do Tijolo 29 (à Rua Formosa)